Visita XXXIV — O Verbo eterno, de inocente, fez-se culpado

> **Epígrafe.** «A misericordia, e a verdade se encontrarão: a justiça, e a paz se derão osculo» (Sl 84, 11)

Que justiça e que paz? A justiça de Deus e a paz de Deus, isto é, a misericórdia. Desde o pecado de Adão, achavam-se, de certo modo, brigadas de morte. Sua inimizade durara quatro mil anos. É ao pé do presépio que fizeram as pazes e se abraçaram como duas irmãs, doravante inseparáveis. Assistamos a esse novo prodígio, realizado pelo Menino de Belém em sua gruta para sempre bendita.

Antes da vinda do Messias, todos os homens arrastavam, gemendo, no vale de lágrimas, a sua miserável vida. Todos eram filhos de ira, e ninguém havia que pudesse aplacar a Deus, justamente irritado com seus crimes. Esse espetáculo fazia chorar os Patriarcas e os Profetas. «*Senhor*», exclamava Isaías,

> *estais irritado, porque pecamos, e não há ninguém que possa deter a vossa justa ira.*[1]

Não, não há ninguém. O ofendido é Deus; o culpado é o homem. Sendo apenas uma miserável criatura, o homem não podia, ao preço de qualquer sacrifício, reparar o ultraje feito a uma Majestade infinita. Para isso era preciso outro Deus. Mas esse outro Deus não existia, visto que há um só Deus. Ora, esse único Deus, sendo o ofendido, não podia satisfazer a si mesmo. Para nós a dificuldade era, pois, insolúvel.

«*Mas consolai-vos, pobres filhos de Adão; consolai-vos*», diz o Senhor; «*vossos males chegaram ao cúmulo, e vou levar-lhes o remédio.*»[2] Deus achou o meio de salvar o homem, satisfazendo ao mesmo tempo a sua justiça e a sua misericórdia. Qual é esse meio? O Filho de Deus, o próprio Deus, fez-se homem, revestiu a forma do pecador e, tomando sobre si a obrigação de satisfazer por nós, pagou, ao preço dos sofrimentos de sua vida e de sua morte, a totalidade de nossa dívida.

Esse admirável meio reconciliou a justiça e a misericórdia, que deram uma à outra para sempre o beijo da paz: *justitia et pax osculatæ sunt*.

Assim, para livrar o gênero humano da morte eterna, o Filho de Deus fez-se culpado, isto é, quis parecê-lo. Eis até onde o levou o seu amor por nós. De todos os mistérios do Menino de Belém, este é talvez o mais comovente e o mais incompreensível.

Um Deus pecador, ou, como diz o Apóstolo, um Deus pecado, *pro nobis peccatum fecit*! Quem jamais ouviu coisa semelhante? Que éreis, pois, divino Menino, no seio de vosso Pai? O Santo, o Inocente, o Imaculado, responde são Paulo.[3] Não é bastante; éreis, e não deixastes de ser, a própria santidade, a própria inocência, a própria pureza. Verdadeiro Filho de Deus, e verdadeiro Deus como vosso Pai, sois e fostes desde toda a eternidade o objeto de suas infinitas complacências, como ele mesmo o declarou no dia de vosso batismo.[4]

Ora, esse Filho adorável quis livrar-nos do pecado e da morte, salário do pecado.[5] Para isso, que fez? Apresentou-se, como já vimos, a Deus seu Pai como fiador e substituto do gênero humano. *«Então»*, continua o grande Apóstolo,

> *Deus o enviou à terra para tomar a natureza humana, revestir-se da forma do pecador, fazer-se em tudo semelhante aos pecadores, e, tomando o pecado em sua carne, condenou o pecado.*[6]

Tal é, segundo os Padres da Igreja, o sentido dessas profundas palavras: Deus condenou o pecado a ser privado de seu reino sobre os homens, condenando à morte o seu próprio Filho que, embora aparentemente revestido de uma carne infectada pelo pecado, era contudo a própria inocência e santidade.

Assim, ó minha alma, para te salvar e para salvar o mundo, Deus condenou o seu próprio Filho a uma vida de sofrimentos e à morte mais cruel. Crês nisso? Estás bem penetrada disso? Tudo isso é de fé.[7]

«O que ainda a seu proprio Filho não perdoou, mas por nós todos o entregou», diz são Paulo. E são João: *«Assim amou Deos ao mundo, que lhe deo a seu Filho Unigenito.»*[8]

Lê-se na história que um homem chamado Dejótaro tinha vários filhos, dos quais um era o objeto exclusivo de suas preferências. Para lhe deixar toda a sucessão, esse pai bárbaro mandou matar os outros filhos. Deus fez o contrário. Entregou à morte o seu Filho bem-amado, o seu Filho único, para proporcionar a herança eterna a miseráveis e ingratos vermes da terra como nós. Sim, foi assim que Deus amou o mundo.

Recolhamo-nos em presença do presépio, ele nos dará o sentido dessa palavra, assim. *«Ela exprime»*, diz são João Crisóstomo,

> *a força irresistível do amor de Deus, que quis dar por nosso resgate, quem? não um escravo, não um anjo, não um arcanjo, mas o seu próprio Filho.*[9]

E como o deu? Deu-o humilhado, pobre, desprezado, às mãos de seus escravos, com poder de tratá-lo como um malfeitor, até fazê-lo morrer num patíbulo infame. Foi assim que Deus amou o mundo! E o mundo, sois vós, meu irmão, minha irmã, sou eu e toda a posteridade de Adão.

«Ó graça! ó força do amor de Deus!», exclama são Bernardo.

> *Quem não se comoveria até o fundo da alma, se ouvisse dizer que, para salvar um de seus escravos, um poderoso monarca se viu constrangido a entregar à morte o seu filho único, que amava tanto quanto a si mesmo?*[10]

Se Deus não o tivesse feito, quem poderia imaginá-lo ou esperá-lo?[11]

Mas não é tudo: Deus entregou seu Filho não somente a alguns algozes, para fazê-lo morrer uma vez; mas o entregou a tantos Judas, Caifases, Herodes, Pilatos e algozes quantos há no mundo pecadores culpados de pecado mortal. Tanto quanto está neles, esses algozes o fazem morrer cada vez que caem em suas iniquidades, *rursum crucifigentes Filium hominis*. Ó divino Menino! quantos algozes! quantas crucificações! Do alto do céu queixava-se disso a Saulo, quando lhe dizia, no caminho de Damasco: *«Saulo, Saulo, porque me persegues?»*[12] Queixa-se disso a todos os pecadores, a quem mostra às vezes de maneira sensível o efeito de seus crimes sobre a sua pessoa sagrada: testemunha o traço seguinte.

Um soldado entregue a toda espécie de vícios tinha uma esposa piedosa, que, não tendo podido reconduzi-lo ao bom caminho, lhe recomendara dizer ao menos uma Ave-Maria, todos os dias, diante de uma imagem da santa Virgem. Um dia esse infeliz, indo pecar, passa diante de uma igreja. Entra e recita de joelhos a sua Ave-Maria, diante de uma estátua de Maria. Que vê? Vê o Menino Jesus nos braços de sua mãe, coberto de feridas e banhado de sangue. Quem é o bárbaro, exclama, que tratou assim esse menino inocente? São vós, pecadores, responde Maria, que tratais assim meu Filho.

O soldado, confuso, pede-lhe que lhe obtenha o perdão, chamando-a Mãe de misericórdia. Sim, retoma a santa Virgem, vós outros, pecadores, me chamais Mãe de misericórdia, e não cessais de fazer-me Mãe de dor e de aflição. O penitente não perde a coragem. Continua a suplicar-lhe que interceda por ele. Maria volta-se para seu Filho e lhe pede perdão para esse pecador. O divino Menino parecia recusá-lo. Meu Filho, diz então sua terna Mãe, não vos deixarei sem que me tenhais concedido a graça desse infeliz, que se recomendou a mim.

Minha Mãe, responde o Menino Jesus, nunca vos recusei coisa alguma. Já que desejais que eu perdoe a esse pecador, seja perdoado; mas em sinal do perdão que lhe concedo, quero que venha beijar as minhas feridas. O pecador aproxima-se tremendo, e à medida que as beija, as feridas se

fecham. Ébrio de amor e de dor, sai da igreja e pede perdão a sua esposa. De comum acordo, deixam o mundo, fazem-se religiosos em dois mosteiros, onde morrem em odor de santidade.[13]

Pequena coroa: Divino Menino Jesus, que para a salvação do mundo quisestes nascer num estábulo e ser deitado numa manjedoura, sobre um pouco de palha: tende piedade de mim.

Maria e José, rogai ao Menino Jesus por mim.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Jaculatória: Amemos o Menino de Belém, *amemus Puerum de Bethléem*.

Propósito: Examinar se tenho fé quanto ao pecado.

Notas

[1] *Ecce tu iratus es et peccavimus... non est qui consurgat et teneat te.* «Não ha quem [...] se levante e te detenha.» (Is 64, 5. 7.)

[2] *Consolamini, consolamini, populе meus, dicit Deus vester: quoniam completa est malitia ejus, dimissa est iniquitas illius.* (Is 40, 1-2.)

[3] *Sanctus, innocens, impollutus.* «Santo, inocente, immaculado.» (Hb 7, 26.)

[4] *Hic est Filius meus dilectus in quo mihi bene complacui.* (Mt 17, 5.)

[5] *Apparuit ut peccata nostra solveret.* (1 Jo 3, 5.)

[6] *Deus Filium suum mittens in similitudinem carnis peccati... et de peccato damnavit peccatum in carne.* (Rm 8, 3.)

[7] *Proprio Filio non pepercit, sed pro nobis omnibus tradidit illum.* (Rm 8, 32.)

[8] *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret.* (Jo 3, 16.)

[9] *Verbum sic significat vehementiam amoris, ut Filium suum unigenitum daret; non servum, non angelum, non archangelum dedit, sed Filium suum.* (Homilia VI sobre João.)

[10] *O gratiam! o amoris vim!* (Sermão LXIV sobre o *Cântico*.)

[11] *Quæ nunquam humanus animus haud cogitare, haud sperare potuit, hæc nobis largitus est.* «O que o espírito humano jamais pôde pensar nem esperar, isso nos concedeu.» (S. João Crisóstomo, *ubi supra*.)

[12] *Saule, Saule, quid me persequeris?* (At 9, 4.)

[13] Pelbarto de Temesvar. (Livro XII, última parte, c. VII.)

Revision #1
Created 23 November 2026 23:45:48 by Admin
Updated 23 November 2026 23:45:48 by Admin